

# Representações sociais sobre o binômio vacinas e vacinação emergidas entre alunos do ensino fundamental II de uma escola pública no sudeste do Pará

Social representations about the binomium vaccines and vaccination emerging among elementary school II students at a public school in southeast Pará

Célia Evangelista Brito<sup>1</sup>  
Ana Cristina Viana Campos<sup>2</sup>  
Fernanda Cátia Bozelli<sup>3</sup>

## Resumo

Esta pesquisa objetivou investigar as representações sociais de alunos do ensino fundamental II de uma escola pública sobre o binômio vacinas e vacinação. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualiquantitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais. Os participantes foram 197 alunos, os instrumentos de constituição de dados foram um questionário e a técnica de associação livre de palavras. O banco de dado foi organizado no Programa Microsoft Excel, as palavras evocadas pelos alunos foram processadas pelo openEvoc 0.92 e analisadas segundo a Teoria do Núcleo Central. Os resultados apontaram um núcleo central formado por quatro elementos (proteção, vou me vacinar, saúde e prevenção) consensuais e homogêneos fortemente ancorados em conhecimentos e orientações divulgadas pela comunidade científica. Os demais elementos que constituíram o sistema periférico foram heterogêneos e não estão relacionados especificamente aos conhecimentos advindos do meio científico, mas expressam as crenças e experiências pessoais dos alunos.

**Palavras chave:** representações sociais; ensino fundamental II; vacinas; vacinação.

## Abstract

This research aimed to investigate the social representations of elementary school II students at a public school regarding the binomial vaccines and vaccination. This is research with a qualitative and quantitative approach, based on the Theory of Social Representations. The participants were 197 students, the data creation instruments were a questionnaire and the free word association technique. The database was organized in the Microsoft Excel Program, the words evoked by the students were processed by openEvoc 0.92 and analyzed according to the Central Nucleus Theory. The results pointed to a central nucleus formed by four consensual and homogeneous elements (protection, I will get vaccinated, health and prevention) consensual and homogeneous elements strongly anchored in knowledge and orientations disseminated by the scientific community. The other elements that constituted the peripheral system were heterogeneous and are not specifically related to the knowledge derived from the scientific environment, but express the beliefs and personal experiences of the students.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará | [celia.evangelista@unifesspa.edu.br](mailto:celia.evangelista@unifesspa.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará | [anacampos@unifesspa.edu.br](mailto:anacampos@unifesspa.edu.br)

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista | [Fernanda.bozelli@unesp.br](mailto:Fernanda.bozelli@unesp.br)

prevention), strongly anchored in knowledge and guidelines disseminated by the scientific community. The other elements that constituted the peripheral system were heterogeneous and are not specifically related to knowledge arising from the scientific environment, but express the students' personal beliefs and experiences.

**Keywords:** Social representations; elementary school II; vaccines; vaccination.

## Introdução

As vacinas são consideradas uma das intervenções mais eficazes e econômicas na saúde pública mundial, pois elas salvam milhões de vidas todos os anos, principalmente de crianças (HOMMA et al., 2011; POSSAS et al., 2020). Graças a produção das vacinas e a vacinação foi possível a erradicação global da varíola na década de 1980 (APS, 2018), e o declínio do número de casos de muitas doenças imunopreveníveis como o sarampo e a difteria (DOMINGUES et al., 2020).

Estima-se, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020a, 2021) que a vacinação evita, aproximadamente, 2,5 milhões de mortes por ano. Só a vacinação contra o sarampo evitou cerca de 21,1 milhões de mortes nos anos de 2000 a 2017, e reduziu em 80% no número de óbitos, passando de 545 mil no ano 2000 para 110 mil em 2017.

As vacinas são consideradas, depois da água potável, o mecanismo mais eficiente e seguro para a saúde pública e para saúde animal, com alto impacto na redução da morbidade e mortalidade mundial (FERNANDES et al., 2021). De acordo com os autores citados, elas são produtos biotecnológicos preparados a partir de agente causador de uma doença, de seus produtos, de componentes do antígeno, ou de um produto sintético. Desse modo, quando uma pessoa é vacinada ela se torna imune ou resistente a uma doença infecciosa, pois “as vacinas estimulam o próprio sistema imunológico do corpo a proteger a pessoa contra infecções ou doenças posteriores” (OMS, 2021).

Dessa forma, o binômio vacinas e vacinação é uma das medidas mais eficazes de garantir a qualidade de vida e uma longevidade saudável, que contribuem fortemente para aumentar a expectativa de vida da população global, e de melhor custo-benefício (POSSAS et al., 2020).

No entanto, mesmo diante do impacto positivo das vacinas e da vacinação, a cobertura vacinal do Brasil vem apresentando queda, segundo os dados do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Em 2019, pela primeira vez na história do Brasil, nenhuma das vacinas oferecidas para crianças com até um ano alcançou a meta mínima, correspondente a 90% ou 95% (BRASIL, 2020). Em 2020 apenas 40% das meninas e 30% dos meninos foram imunizados com as duas doses das principais vacinas (Papilomavírus Humano (HPV) e meningocócica C) (SBlm, 2020a).

Essa queda nas coberturas vacinais no Brasil está relacionada a múltiplos fatores. De acordo com Domingues et al. (2020) e Milani e Busato (2021) pode-se destacar, a hesitação em vacinar, a falta de informação, a grande expansão territorial do país, a falta de aprimoramento dos profissionais de saúde e o aumento da disseminação de notícias falsas (fake news) nas redes sociais.

Diante desse cenário, Fernandes e colaboradores (2021) destacam que a imunização precisa estar em contínua evolução e em atenção permanente por parte das organizações de saúde, sociedades científicas e civis, pois para a reversão das baixas coberturas vacinais, faz-se necessário esforços conjuntos de toda sociedade. Dentre outras iniciativas, os autores destacam a necessidade de informar e esclarecer os alunos do ensino básico acerca da

temática, de instruir os seus responsáveis quanto a obrigatoriedade da vacinação, e da importância de manter o cartão de vacina atualizado, “considerando que este é um tema de saúde pública e bem coletivo – uma maior integração das atividades de saúde com o ensino e outras áreas do conhecimento é altamente desejável” (FERNANDES et al., 2020).

Do mesmo modo, o estudo de Zanini e colaboradores (2017) evidenciaram a necessidade de abordar essa temática na escola e atribuiu essa estratégia como um dos pontos fundamentais para aumentar a cobertura vacinal. Da mesma maneira, Iervolino e Pelicioni (2005) demonstraram a necessidade do engajamento das escolas básicas e, ainda, indicaram que elas quase não têm participado do processo de incentivo à vacinação. Mas, diante das polêmicas sobre as vacinas e vacinação em diferentes contextos e espaço, e de todas as situações vividas na pandemia provocada pela Covid-19, o envolvimento da educação básica precisa ser ressignificado (GATTI, 2020). Sendo assim, compreende-se como é importante investigar o que os alunos pensam sobre essa temática, para que assim se possa ter mais dados e reflexões que venham a contribuir com o ensino e a aprendizagem desse assunto no ensino de ciências e nas demais áreas do conhecimento.

Diante disso, definiu-se como perguntas de pesquisas: quais as representações sociais de alunos do Ensino Fundamental II sobre as vacinas e a vacinação? Que implicações as representações sociais podem trazer considerando a explicação científica? Como objetivos, esta pesquisa tem por interesse: a) investigar as representações sociais sobre vacinas e vacinação de alunos do ensino fundamental II de uma escola pública no município de Itupiranga, Pará; b) identificar e analisar os possíveis elementos centrais e periféricos das representações emergidas, de acordo com a proposta de Abric (2000).

## Metodologia

### Tipo de estudo

Trata-se de estudo com abordagem quali-quantitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (2015) e na abordagem estrutural proposta por Abric (2000).

### Contexto de realização da pesquisa e participantes

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma Escola pública localizada na zona urbana do município de Itupiranga/PA. Participaram dessa pesquisa 197 alunos, com idade entre 11 e 24 anos, frequentes dos turnos matutino e vespertino. Os critérios de inclusão foram: estar regularmente matriculado entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental, frequentes e presentes no dia da aplicação do questionário formal e legalmente autorizados pelos responsáveis, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como concordantes com o convite, conforme o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

### Instrumento e constituição de dados

A constituição dos dados se deu por meio de questionário autoaplicável, contendo perguntas abertas, fechadas e com aplicação da Técnica de Associação Livre de Palavras. Tal instrumento foi composto por 12 questões, organizado em duas sessões: 1) Evocação livre de

palavras; 2) caracterização sociodemográfica (idade, cor da pele/raça, sexo, escolaridade, quantidade de anos que frequentava a instituição lócus do estudo e a religião).

A evocação livre de palavras é uma das principais técnicas utilizada para identificação dos elementos centrais e periféricos de uma representação social, na qual consiste em solicitar aos participantes que escrevam as palavras ou expressões que lhes vem à mente, espontaneamente, a partir de um termo indutor, no qual é apresentado pelos pesquisadores, e este refere-se diretamente ao objeto de estudo (SÁ, 2002). Nesta pesquisa usamos o termo indutor “vacinas e vacinação” e solicitamos cinco palavras.

A quantidade de palavras evocadas é variável, no entanto, geralmente é solicitado três ou cinco palavras ou expressões curtas. O número de estímulos também é variável, e decorre de acordo com o objeto a ser investigado. Após a evocação de palavras é solicitado que o participante organize numericamente as palavras evocadas em ordem de importância, sendo um para a palavra mais importante e cinco para a menos importante, o que já sugere uma ordenação, uma estruturação cognitiva para as palavras ou expressões evocadas. A técnica pode ser aplicada individualmente ou de forma coletiva (COUTINHO; BÚ, 2017).

Para Abric (1994) o carácter espontâneo desse método possibilita o acesso mais fácil e rápido às informações, além disso, permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas (ABRIC, 1994, p. 66 apud SÁ, 2002, p. 115).

A constituição dos dados desta pesquisa ocorreu durante três semanas consecutivas (de segunda a sexta – ferias, nos turnos manhã e tarde), entre novembro e dezembro de 2021.

Dado o consentimento dos responsáveis da instituição, a constituição dos dados ocorreu da seguinte maneira: inicialmente, o projeto foi apresentado pelas pesquisadoras em todas as turmas do 6º ao 9º Anos do ensino fundamental II. No mesmo dia, os alunos foram convidados a participar da pesquisa e levaram as autorizações para os responsáveis, com instruções para a leitura e assinatura do TCLE.

Após a autorização dos responsáveis, os alunos receberam o TALE, o qual foi lido em sala de aula para o esclarecimento de dúvidas e assinatura dos alunos. Em seguida, o questionário foi distribuído entre os alunos, que o responderam na presença das pesquisadoras. Destaca-se que houve a colaboração de todos os professores, que disponibilizaram um tempo médio de 30 minutos para que os alunos respondessem as questões.

## Aspectos éticos

Em relação aos aspectos éticos, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pará (UFPA) sob o parecer nº 5.268.925 (CAAE 55614521.4.0000.0018).

## Organização e sistematização dos dados

Inicialmente, com o objetivo de organizar os dados e manter o anonimato dos participantes, os questionários respondidos foram codificados com variáveis contendo dígitos de 1 a 197. O programa Microsoft Excel versão 2010 foi utilizado construção e sistematização do banco de dados, todas as palavras evocadas foram organizadas na mesma ordem de importância que foram escritas nos questionários.

Em seguida, foi realizado um processo de lematização das palavras evocadas, segundo as orientações encontradas nos trabalhos de Wachelke; Wolter (2011) e Sant'anna (2014). Realizou-se o agrupamento das palavras com o mesmo significado. Por exemplo, um aluno escreveu a palavra doença no singular, outro escreveu doenças no plural, para não causar variação nos resultados padronizamos todas para "doenças", no plural, e assim fizemos com as demais palavras que apresentaram o mesmo significado.

Depois de realizar essa organização semântica, iniciamos a análise da evocação de palavras por meio do programa openEvoc versão 0.92, um programa gratuito empregado para coleta, análise e processamento de dados de pesquisa na perspectiva estrutural da teoria das Representações Sociais, desenvolvido e mantido pelo Professor Hugo Cristo Sant'Anna da Universidade Federal do Espírito Santo (SANT'ANNA, 2012).

Em síntese, de acordo com Sant'anna (2014), o openEvoc realiza o processamento dos dados e constrói um quadro com quatro zonas nas quais são organizadas as palavras evocadas pelos participantes. Esse programa baseia-se no cálculo de frequências e ordens de evocação das palavras.

A zona superior esquerda, contém as palavras com ordem de evocação mais baixa e frequência de menção mais alta, na qual há maior probabilidade de encontrar as palavras que representam os elementos do núcleo central das representações sociais. A zona superior direita ou primeira periferia é formada pelas respostas com alta frequência e alta ordem de evocação, o que indica os elementos secundários da representação. A segunda periferia, localizada na zona inferior direita agrupa termos com baixa frequência e alta ordem de evocação, sendo pouco relevantes para a estrutura da representação no grupo social investigado. Por último, a zona de contraste, localizada na parte inferior esquerda, apresenta termos com baixa ordem de evocação e baixa frequência, indicando que um grupo pequeno de participantes valoriza certos elementos da representação de forma diferente da maioria (SANT'ANNA, 2014).

## Resultados e discussão

### As representações sociais das vacinas e da vacinação evocadas pelos alunos do ensino fundamental II

A amostra total da pesquisa foi composta por 197 participantes, (53%) do sexo feminino; (46%) do sexo masculino, e (1%) optou por não informar. Em relação à idade, os alunos tinham entre 11 e 24 anos, sendo que a maioria deles tinha entre 12 e 15 anos (83%). Mais da metade dos alunos se declararam pardos (54,0%); seguido por brancos (21,0%) e pretos (17%). Quanto à religião, a crença evangélica foi majoritária entre os alunos (33,5%); destacando-se o fato de que (23, 8%) declararam não ter religião e (20,3%) optaram por não informar. Referente a escolaridade, (29%) cursavam o 7º ano; seguido (28%) o 8º ano, (27%) estavam cursando o 9º ano, e (16%) frequentavam a fase inicial do ensino Fundamental II, 6º ano.

A partir do estímulo indutor "vacinas e vacinação" os participantes da pesquisa evocaram 982 palavras, no qual dos 197 alunos, três optaram por evocar 4 palavras, ao invés de cinco. A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi igual a 9, esse valor representa menos de 1% do total de palavras que foram evocadas. Essas palavras com baixa frequência não foram incluídas por não serem consideradas, quantitativamente,

significativas na amostra. Logo, a análise que segue foi realizada com 814 evocações, no qual representa 83,6% do total de evocações feitas pelos alunos.

Para construção dos quadrantes foi empregada a frequência média, com valor 6 e a média das ordens médias de evocação (OME), com valor 2.99, portanto, palavras com ordem média de evocação inferiores a 2.99 foram classificadas como baixa ordem de evocação. É relevante destacar que quanto maior for o valor da frequência (f) e menor o valor da ordem de evocação (OME) mais importância e contribuição possui a evocação para representação social investigada (WACHELKE; WOLTER, 2011), pois foram as palavras mais lembradas, citadas e atribuídas como de maior importância pelos alunos. O quadro 1 exibe a estrutura gerada por meio do programa openEvoc.

Quadro 1 - Estrutura das Representações Sociais dos alunos de Itupiranga, PA, a partir do estímulo indutor vacinas e vacinação

+ + Núcleo Central Baixa ordem de evocação e alta frequência			+ - Primeira Periferia Alta ordem de evocação e alta frequência		
Frequência	f > 6 - OME < 2.99	OME	Frequência	f > 6 - OME > 2.99	OME
88	Proteção	2.49	73	Medo	3.84
75	Vou me vacinar	2.79			
69	Saúde	1.81			
60	Salvam vidas	1.95			
-+ Zona de contraste Baixa ordem de evocação e Baixa frequência			- - Segunda periferia Alta ordem de evocação e Baixa frequência		
Frequência		OME	Frequência		OME
45	Prevenção	2.45	48	Agulha	3.75
44	Imunização	2.41	36	Dor	3.85
30	Cura	2.43	32	Doenças	3.63
18	Ajuda	2.89	30	Importante	3.77
14	Melhoria	2.57	18	Cuidado	3.28
12	Máscara	2.92	15	Desconfiança	3.07
10	Vida	2.20	15	Covid – 19	3.60
10	Remédio	2.80	11	Nervoso	3.45
9	Álcool em gel	2.56	11	Enfrentar fila	3.55
9	Vacinar família e amigos	2.67	10	Felicidade	3.00
			10	Médico	3.50
			10	Coronavírus	3.50
			9	Sintomas ruins	3.33

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A partir destes dados, pode-se observar que o primeiro quadrante superior esquerdo é constituído pelos termos *proteção*; *vou me vacinar*; *saúde e salvam vidas*, com  $f > 6$  e  $OME < 2.99$ , isso significa dizer que essas palavras foram mais frequentes e prontamente evocadas

pelos alunos, e por isso têm maior suscetibilidade de pertencerem ao núcleo central. Os elementos do núcleo central retratam a memória e a história do grupo, e são elementos consensuais, configurando-se como os mais estáveis, rígidos e, portanto, mais resistentes às mudanças. O núcleo central pode ser constituído por um ou alguns elementos, mas comumente em quantidade limitada (ABRIC, 2000). Alves-Mazzoti (2007), ao caracterizar o núcleo central, explica que ele gera os sentidos e organiza as relações dos elementos que integram o sistema periférico.

As vacinas e a vacinação são representadas pelos alunos como meios de proteção e, por isso, manifestam o interesse pela vacinação quando evocam a frase *vou me vacinar*, pois isso lhe proporcionará saúde, e essa atitude salva vidas. Esse grupo de alunos demonstraram que conseguem ter a compreensão da função das vacinas e dos impactos positivos da vacinação, e isso favorece a aceitação das vacinas. Além disso, essa representação evidencia consenso com a explicação científica, com os conteúdos ensinados nas aulas de ciência, na escola.

O elemento *proteção* integrando às representações sociais de alunos de escolas públicas assemelha ao resultado encontrado por Gonzaga; Velloso; Lannes (2021); Gonzaga (2022) que ao investigar as Representações de alunos do Ensino Médio a partir do estímulo indutor *vacinação* observaram que eles a representaram como proteção, com a noção de que a vacinação é relevante porque esse ato protege contra doenças.

Essas palavras proteção e saúde integrando o núcleo central revelam que esse grupo de alunos representam a vacinação com evocações semelhantes à de outros grupos sociais. Um estudo realizado por Brito (2011), mostrou que essas duas palavras foram altamente evocadas por um grupo de pessoas comuns (usuários do serviço de saúde) e por profissionais de saúde ante o estímulo indutor vacinação, de modo que a proteção e a saúde também formaram o núcleo central das representações construídas por eles.

Outro resultado semelhante foi observado no estudo de Pugliesi; Turra; Andreazzi (2010), no qual um grupo formado por 124 mulheres compreenderam a vacinação como proteção e saúde, de modo que essas evocações se estruturaram no núcleo central das representações desse grupo.

As evocações *proteção*, *saúde* e *salvam vidas* possuem estreita relação, e são comumente usadas pelos profissionais de saúde, nas campanhas de vacinação e difundidas pelo meio científico, conforme é discutido por Pugliesi; Turra; Andreazzi (2010) e Brito (2011). São evocações que fazem parte do discurso da epidemiologia presentes no cotidiano dos serviços de saúde, nas relações cotidianas entre os profissionais e os usuários desses serviços.

A frase *vou me vacinar* foi a segunda mais frequente nas evocações desta pesquisa. Ela indica mais explicitamente uma possível ação dos alunos frente ao objeto representado, uma tomada de decisão na qual eles assumem. No entanto, essa frase não foi encontrada em outras investigações. Acredita-se que essa evocação está associada às palavras de engajamento pró-vacina que vem sendo disseminadas nos últimos anos (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020), principalmente durante a pandemia da Covid-19, na qual muitas pessoas se posicionaram de maneira favorável às vacinas e usaram palavras e frases similares, tanto nas suas relações interpessoais no dia a dia, como por meio das mídias sociais.

A palavra *saúde* foi a terceira mais evocada do núcleo central. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), define-se como saúde o “completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade”. Nessa perspectiva, para Brito (2011) quando o participante evoca a palavra saúde ele assimila a vacinação como promotora de saúde, e essa ideia ultrapassa a imagem reduzida de saúde

como ausência de doenças. No estudo de Gonzaga (2022), as vacinas foram associadas à saúde pelas estudantes investigadas com ideia de que elas promovem a saúde das crianças, no entanto, essa evocação não foi considerada tão importante ao ponto de integrar o núcleo.

A frase *salva vidas* foi a última a integrar o núcleo central. Ela demonstra que um grupo de alunos tem a percepção de que a vacinação é uma prática que traz esse impacto positivo para a sociedade, e de fato “a vacinação foi responsável por salvar mais vidas no mundo do que qualquer outro produto ou procedimento médico” (GADELHA, *et al.*, 2020, p. 2). Essa evocação assim como a frase *vou me vacinar* não foi encontrada na estrutura de representações sociais construídas por alunos ou por outros grupos sociais, todavia ela também está fortemente associada às informações divulgadas sobre as vacinas no meio científico, nas mídias sociais e nas campanhas de vacinação, principalmente no contexto atual nas ações contra a Covid-19. Nota-se, inclusive, que nesse período a disseminação dessa frase cresceu nas redes sociais como manifestação de apoio à vacinação, com a alta frequência a *hashtag* “#vacinas salvam vidas” foi empregada no *facebook*, muitos usuários a adicionaram a foto do perfil, assim como ocorre com outras causas de cunho social.

No entanto, ao observar o sistema periférico nota-se que a primeira periferia (quadrante superior direito) é formada unicamente pela evocação *medo*, com  $f > 6$  e  $OME > 2.99$ . Para esse grupo de alunos o medo é um fator que pode determinar a não vacinação. Destaca-se, que nesta pesquisa essa evocação não está ancorada em uma faixa etária e seriação escolar, ao contrário, observamos sua diluição nas turmas do Ensino Fundamental II e nas idades.

Eles compreendem a função protetora das vacinas, desejam se vacinar, mas sentem medo. Esse sentimento pode ter surgido de experiências particulares, e cada um se comporta de modo singular. Nesta investigação observa-se que o medo representado está associado a agulha, a dor e aos sintomas decorrentes da vacinação, de modo que esses elementos também integraram a estrutura das representações construídas (Quadro 1).

No estudo de Gaspi; Magalhães Júnior; Carvalho (2019), também foi apontada a alta frequência da palavra medo entre as evocações realizadas por alunos do ensino fundamental, mas foi considerada como a mais importante de modo que ocupou a primeira palavra do núcleo central. De acordo com os autores citados, essa representatividade pode estar relacionada com a lembrança que os alunos têm do momento da vacinação, uma vez que os alunos associaram o medo à sensação sentida no ato de ser vacinado.

Do mesmo modo, foi observado por Viegas *et al.* (2018) que os adolescentes matriculados no 9º ano do ensino fundamental foram indecisos frente a vacinação, em decorrência do medo que sentem. Zanini e colaboradores (2017) também apontaram que o medo antecipado foi um dos motivos alegado pelas alunas do ensino fundamental e médio para não se vacinarem. Comumente as crianças manifestam medo da vacinação de forma antecipada (LIMA; BONIATTI, 2018), ou diante da agulha (MENDONÇA *et al.*, 2020).

Em outro estudo, as representações sociais de um grupo de alunos do sexo masculino revelaram que o medo se constituía como o elemento mais resistente à vacinação (GONZAGA, 2022). Possas *et al.* (2020) mostraram que a administração injetável dificulta a aceitação da vacina, de modo que a injeção causa medo até mesmo nos adultos, especialmente do sexo masculino.

A fim de minimizar o medo da agulha e da dor “buscam-se formas alternativas de administração de vacinas, e importantes avanços vêm ocorrendo nas estratégias colaborativas internacionais visando à incorporação de tecnologias inovadoras na administração de vacinas” (POSSAS *et al.*, 2020, p. 91).



A zona de contraste foi formada pelas evocações *prevenção, imunização, cura, ajuda, melhoria, máscara, vida, remédio, álcool em gel, vacinar família e amigos* (Quadro 1). Nela as palavras evocadas foram consideradas importantes, mas para um menor número de participantes.

Por meio das duas primeiras evocações é possível observar que o binômio vacinas e vacinação é representado como uma prática eficaz que promove a prevenção de doenças e desempenha uma função imunológica. Elas possuem forte aproximação com a palavra proteção presente no núcleo central, como tal, são decorrentes das explicações científicas (expressam conhecimentos reificados), são circuladas nas mídias sociais, nas campanhas de vacinação, nos discursos da epidemiologia.

A presença da evocação *prevenção* na zona de contraste das representações de alunos do ensino fundamental corrobora com os resultados encontrados por Gaspi; Magalhães Júnior; Carvalho (2019). Em outro estudo, observou-se que a representação social sobre a vacinação emergiu dos costumes e de uma tradição passada de geração a geração, de modo que a palavra prevenção integrou a estrutura da representação identificada, explicitando que levavam os filhos à vacinação como medida de prevenção contra as doenças (PUGLIESI; TURRA; ANDREAZZI, 2010).

Já a evocação *imunização* na zona de contraste apresenta semelhança com as representações de alunos do Rio de Janeiro (RJ), na qual as mulheres reconheciam a importância da imunização, principalmente atrelada a saúde das crianças (GONZAGA, 2022).

A terceira evocação dessa zona foi a palavra *cura*. Observa-se que ela tem maior relação com saberes do senso comum, quando comparada com os elementos que constituíram o núcleo central, visto que nas conversações cotidianas costuma-se atribuir que as vacinas curam determinadas doenças ao invés de dizer que elas previnem.

Melo *et al.* (2013) evidenciaram que os alunos de fato têm a percepção de que as vacinas são indicadas para a promover a cura de enfermidades, e por vezes eles confundem os medicamentos injetáveis com as vacinas. Resultado semelhante foi observado por Soares e Silva (2021) durante uma prática de ensino e aprendizagem com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.

A quarta palavra evocada foi *ajuda*, e ela pode ter sido fruto de uma sensibilização dos alunos pelo momento, uma vez que estávamos vivendo um contexto crítico da pandemia da Covid-19, no qual as vacinas eram aguardadas por milhares de pessoas e consideradas como o principal recurso para controlar o vírus. Essa sensibilização é reforçada pelas evocações *melhorias* e *vida*, que juntas podem refletir a expectativa de que a vacinação seria uma ajuda para que as atividades cotidianas voltassem ao "normal", uma possível melhoria e até mesmo a possibilidade de manter a vida, considerando que milhares de pessoas já haviam morrido em decorrência das complicações da Covid-19, e muitas delas não tiveram a oportunidade de se vacinar.

Fochi *et al.* (2021) investigaram as narrativas de dezessete crianças de diferentes regiões do Brasil a respeito de suas experiências na e sobre a pandemia da Covid-19. Os resultados evidenciaram que um grupo de crianças se mostravam otimistas para o fim da pandemia e atribuíram que isso iria ocorrer graças a vacinação das pessoas. Elas demonstraram suas visões de mundo pós pandêmico, no qual relataram que voltariam a abraçar, brincar com os amigos, passear, tirar as máscaras, não usar álcool em gel, voltar a frequentar as aulas, fazer tudo e o mundo voltaria a ser muito mais feliz.

As evocações *máscara* e *álcool em gel* reforçam a influência do contexto pandêmico e o que eles têm vivenciado no cotidiano, pois as duas expressões referem-se a dois itens usados intensamente durante a pandemia da Covid-19. Assim como a vacinação foram recursos essenciais recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a população como meio de prevenção e contenção da transmissão do coronavírus. Em consonância a isso um número significativo de pessoas aderiram tais orientações, as máscaras passaram a ser um acessório da vida cotidiana mundial, por toda parte, nas vias públicas, mercados, farmácias, transportes coletivos e dentre outros locais observava-se as pessoas com parte do rosto coberto por uma máscara. Essas e outras medidas eram necessárias, pois, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde “O vírus pode se espalhar pela boca ou nariz de uma pessoa infectada em pequenas partículas líquidas quando a pessoa tosse, espirra, canta, respira pesadamente ou fala(...) o contato próximo pode resultar na inalação ou inoculação do vírus pela boca, nariz ou olhos” (OPAS, 2020, p. 3).

Desse modo, o uso da máscara, do álcool em gel, bem como a vacinação foram assimilados como uma forma de cuidado e uma solução para o fim da pandemia. Resultados semelhantes foram encontrados nas pesquisas de Fochi *et al.* (2021); Folino *et al.* (2021), nos quais as crianças associaram que uma solução concreta para acabar com pandemia seria usando o álcool em gel, a máscara e por meio da vacinação.

Em outro estudo, Alvaro e colaboradores (2021) analisaram as percepções de crianças sobre a pandemia de Covid-19. Os resultados revelaram a preocupação delas em usar as máscaras, manter o distanciamento social e higienizar as mãos. Uma das crianças chegou a atribuir que a “máscara salva” e por isso as pessoas as usavam.

Outra palavra agrupada nessa periferia foi *remédio*. Nota-se que esse termo é utilizado pelos alunos como sinônimo de medicamento, o que demonstra uma ideia mais relacionada aos saberes do senso do comum. No entanto, é importante esclarecer que as vacinas são medicamentos. De acordo com a Comunidade Farmácia Brasileira (CFB), o vocábulo remédio vem do latim *remedium* e significa aquilo que cura ou recomendado para a cura abrangendo:

todo e qualquer tipo de cuidado utilizado para curar doenças ou aliviar sintomas, desconfortos e mal-estar. Por exemplo, uma massagem para diminuir as tensões, um chá caseiro, hábitos alimentares saudáveis e atividades físicas para evitar desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (CFB, 2015, n.p).

Já as vacinas são consideradas medicamentos (BRASIL, 2014, p. 19; ANVISA, 2020). Esse termo tem origem do latim:

*medicamentum*, vocábulo que tem o mesmo tema de médico, medicina, medicar, etc., e que se liga ao verbo *medeor*, que significa cuidar de, proteger, tratar. Os medicamentos são substâncias ou preparações que se utilizam como remédio, elaborados em farmácias ou indústrias farmacêuticas e atendendo especificações técnicas e legais. Medicamentos são produtos com a finalidade de diagnosticar, prevenir, curar doenças ou então aliviar os sintomas (CFB, 2015, n.p).

Os medicamentos seguem normas rígidas estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), desde a fase inicial de pesquisas até a vigilância pós comercialização. Um medicamento regulamentado cumpriu todas as exigências estabelecidas

pela ANVISA. Isso significa dizer que “o registro sanitário de um produto é a demonstração documentada da segurança, eficácia e qualidade deste imunobiológico” (BRASIL, 2014, p.19).

Inclusive destaca-se que houve a avaliação criteriosa dos documentos relacionados “aos estudos clínicos, estudo de estabilidade, processos e procedimentos de fabricação e controle de qualidade, modelo de bula e rotulagem e verificação do cumprimento das boas práticas de fabricação” (BRASIL, 2014, p. 19), o mesmo não ocorre com os remédios. Na prática, “o termo remédio é mais amplo e envolve todos os recursos terapêuticos empregados para combater enfermidades ou sintomas, como: repouso, fisioterapia, acupuntura, cirurgia, etc.” (CFB, 2015, n.p). Uma receita caseira com plantas medicinais pode ser considerada como um remédio para determinado sintoma, mas não pode ser considerada como um medicamento, ainda que o efeito sanativo pretendido tenha sido alcançado com o uso desse recurso (remédio).

A última evocação dessa zona *vacinar minha família* demonstra o afeto e o sentimento de preocupação que os alunos têm com seus familiares e amigos, tendo em vista que nesse período a vacinação contra a Covid-19 vinha ocorrendo por grupos obedecendo ordens de prioridades devido à baixa quantidade de vacinas disponíveis. Isso gerava nas pessoas, favoráveis as vacinas, expectativas para se vacinar e ver os seus familiares e amigos vacinados. Seria menor a possibilidade de ficar doente ou até mesmo morrer em decorrência de complicações da Covid-19, por isso é compreensível esse sentimento, visto que nesse contexto, milhares de famílias brasileiras perderam entes por conta dessa doença e predominava a insegurança familiar, principalmente entre as famílias que tinham membros idosos e/ou com comorbidades a ansiedade pela vacinação era ainda maior.

Muitas crianças e adolescentes nesse período haviam se tornado órfãos em decorrência da pandemia, sendo que em alguns casos a perda foi bilateral (crianças que perderam ambos os pais) (RODRIGUES, 2022), além das perdas dos avós, tios, irmãos ou responsáveis.

Folino *et al.* (2021) buscaram compreender a percepção de crianças cariocas sobre a Covid-19 e o coronavírus. Elas se mostraram apreensivas com os riscos emergidos pela doença e suas formas de transmissão, mencionaram o medo de se infectar com o coronavírus, a preocupação com a possibilidade dos seus familiares adoecerem, especialmente os avós devido a idade, e o sentimento de incerteza por não saber o que iria acontecer.

Uma pesquisa realizada com 1.698 brasileiros pela Hibou - empresa de pesquisa e monitoramento de mercado e consumo – investigou o sentimento da população durante a pandemia da Covid-19 e apontou que em um ano de proliferação do vírus, 49,6% da população já havia perdido algum ente ou amigo e 80,1% revelaram sentir medo de alguém de casa ou do grupo familiar ficar doente, como foi o caso da professora Tallyta Cerqueira<sup>4</sup> que perdeu a avó, a mãe e o pai em decorrência da infecção do novo coronavírus e temia perder mais pessoas. Na ocasião do recebimento da primeira dose da vacina a professora segurava um cartaz com a frase “a vida não espera!”, seguido de três datas que representavam a data do falecimento dos três entes. Um momento marcado por um misto de sentimentos, gratidão, euforia, tristeza e impotência, porque sua família não teve essa oportunidade, disse ela (LEMOS, 2021).

Em relação a essa evocação enfatiza-se que as representações sociais são também afeto, e não apenas conteúdo cognitivo (pensamentos, crenças, ideologia, etc.). De acordo com Spink (1993), as representações sociais exteriorizam o afeto do indivíduo, sendo a sua

---

<sup>4</sup> A imagem da professora, o cartaz e a sua história estão disponíveis no link a seguir. Disponível em: [www.bbc.com/portugues/brasil-57560649](http://www.bbc.com/portugues/brasil-57560649).

observação, em muitas situações, de fácil acesso, pois está circulando por meio das palavras, lançadas nas mensagens e imagens, impregnadas nas condutas dos seres.

As evocações chamadas *cura, ajuda, melhoria, vida, remédio, e vacinar família e amigos* não foram identificadas em outras representações de alunos. Quanto a isso, destaca-se que diferentes representações surgem do mesmo objeto, cada indivíduo ou grupo atribui um significado específico, elas são dependentes da história e do contexto social que cerca cada indivíduo ou um grupo (ABRIC, 2000). Certamente, a pandemia da Covid-19 foi determinante na emergência dessas evocações.

As evocações *agulhas, dor, doenças, importante, cuidado, desconfiança, covid-19, nervoso, enfrentar fila, felicidade, médico, coronavírus e sintomas ruins* constituíram a segunda periferia (quadrante inferior à direita) caracterizada por compor palavras de baixa frequência e consideradas de menor importância pelos participantes, mas que são valiosas e atribuem significados à estrutura da representação identificada.

As palavras *agulhas, dor e nervoso* são elementos negativos dessa periferia e estão estreitamente relacionados entre si. A *agulha* é um instrumento usado com alta frequência no processo de vacinação e pode provocar a dor, o nervosismo, e a ansiedade, por isso é compreensível tais evocações. De acordo com Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação somente a vacina contra poliomielite e o rotavírus humano são administradas via oral e dispensam o uso delas (BRASIL, 2014).

Ocorre que algumas pessoas – independentemente da idade – deixam de se vacinar em decorrência disso. Pesquisas realizadas com crianças, adolescentes, adultos e idosos de maneira similar constataram o sentimento de medo da agulha, ansiedade, nervosismo, dor, e as suas influências negativas para aceitação da vacinação (CARVALHO; ARAÚJO, 2010; LIMA; BONIATTI, 2018; GASPI; MAGALHÃES JÚNIOR; CARVALHO, 2019; VIEGAS *et al.*, 2019; GONZAGA; VELLOSO; LANNES, 2021).

Um estudo qualitativo realizado com 57 estudantes do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, moradores da periferia da capital do Rio de Janeiro mostrou que apesar dos estudantes terem plena convicção da relevância da imunização, o nervosismo e “o medo da dor das agulhas funcionam como um anteparo para a não adesão às campanhas de vacinação” (GONZAGA; VELLOSO; LANNES, 2021, p.118).

Outro estudo epidemiológico transversal realizado com 605 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do Estado de Minas Gerais evidenciou que 41,5 % dos adolescentes sentiam medo frente à vacinação, de modo que a ansiedade, o nervosismo e o temor as agulhas foram indicativas da indecisão vacinal (VIEGAS *et al.*, 2019). Corroborando com esses resultados Silva *et al.* (2021) identificaram por meio de um estudo fenomenológico em Minas Gerais que os adolescentes e os seus familiares temiam a vacinação por receio da dor, da agulha e por medo dos possíveis eventos adversos pós-vacinais.

Além da evocação *dor*, observa-se que os Eventos Adversos Pós Vacinação (EAPV) foram associados por nove alunos como *sintomas ruins*, um termo mais cotidiano que pode estar relacionado experiências individuais desses alunos com a vacinação. De modo geral, a população desconhece ou parece desconhecer que, embora seja cientificamente comprovada a eficácia das vacinas, “nenhuma está livre totalmente de provocar eventos adversos, porém os riscos de complicações graves causadas pelas vacinas são muito menores que os das doenças contra as quais elas conferem proteção” (BRASIL, 2020, p. 25).

Ao analisar o Manual de Vigilância Epidemiológica de Eventos Adversos Pós-Vacinação do Brasil, nota-se que é esperado que os eventos adversos pós-vacinação ocorram, sendo

que as reações locais (vermelhidão, calor, edema, acompanhados ou não de dor) são mais comuns, e consideradas em geral leves e transitórias, ocorrendo em 21% das crianças e 56% dos adultos. Essas reações podem variar quanto ao tipo da vacina, a particularidade do indivíduo vacinado (idade, sexo, número de doses e data das doses anteriores da vacina, doenças concomitantes, doenças alérgicas, autoimunidade, deficiência imunológica) e fatores relacionados à administração da vacina (BRASIL, 2020).

Apesar disso, o medo dos eventos adversos é apontado entre os adolescentes com maior frequência para justificar a não adesão vacinal (ZANINI *et al.*, 2017). Outra pesquisa realizada no município de Alterosa (MG) com 189 pais de crianças e adolescentes entre 10 e 17 revelou que o receio dos efeitos colaterais foi uma das principais justificativas para a não vacinação dos seus filhos (RODRIGUES, 2020).

Uma revisão de escopo realizada por Padilha (2020), constatou que os pais de diferentes regiões do mundo tinham medo da reação vacinal comprometer a saúde dos filhos, e por isso a vacina contra o Papilomavírus Humano não foi autorizada por eles. Além disso, outras pesquisas de representações sociais realizadas com gestantes e idosos expuseram que o medo das possíveis reações das vacinas são motivos alegados para não vacinação (PEREIRA *et al.*, 2013; GONÇALVES; NOGUEIRA, 2013).

Outra palavra que agrega um significado negativo é a evocação *desconfiança*. Esse sentimento acerca das vacinas não é uma novidade, a população do passado desacreditou da vacina contra a varíola e resistiu a vacinação motivada pelas notícias falsas que circulavam na época e por falta de informações. Posteriormente, aos poucos, devido a imposição da lei obrigatória as pessoas foram se vacinando e percebendo os efeitos positivos da vacinação, mas os rumores contrários as vacinas não deixaram de existir.

Durante a pandemia da Covid-19, a divulgação de desinformações acerca das vacinas se intensificou, principalmente em relação as candidatas contra o coronavírus que estavam em desenvolvimento. Os ataques infundados questionam as técnicas empregadas, os níveis de eficácia, a segurança, os efeitos colaterais e, ainda, as apontavam como parte de uma conspiração entre bilionários e a indústria farmacêutica, e isso desencadeou na população sentimentos e tomadas de decisões negativas em relação as vacinas, mesmo diante das evidências e do desenvolvimento científico.

Uma pesquisa realizada durante a pandemia da Covid-19 com 2.069 brasileiros com 16 anos ou mais de diferentes regiões observou as opiniões e atitudes da população em relação a ciência, as vacinas e as mudanças climáticas. Os resultados mostraram que a maioria dos entrevistados têm alta confiança na ciência, mas ela é menor do que indicaram as porcentagens das pesquisas anteriores; 44,6% dos participantes responderam que desconfiam que os cientistas oferecem informações contraditórias ou tendenciosas, (54,5%) deles disseram que as ideologias políticas influenciam suas pesquisas sobre os vírus. A pesquisa concluiu que uma evidência para isso são as campanhas organizadas de desinformações durante a pandemia de Covid-19 que colaborou para o surgimento de grupos de pessoas adeptas as teorias da conspiração, o que desencadeia um grande desafio, pois essas percepções não dependem apenas do nível de conhecimento, mas também de valores, crenças e posicionamento político de cada pessoa (MASSARANI, 2022).

Outra pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) com quase 1,4 mil adolescentes e jovens sobre suas percepções a respeito da vacinação revelou esse conflito. Na ocasião 46% deles disseram confiar pouco nas vacinas contra a Covid-19, 30% relataram não saber o suficiente sobre as vacinas e 10% afirmaram que ouviram boatos

negativos sobre elas. Além disso, a pesquisa identificou que esses boatos chegaram até eles principalmente pelas redes sociais e por meio de pessoas próximas (UNICEF, 2021). Nesse sentido, não é surpreendente que a palavra *desconfiança* seja lembrada e representada pelos alunos ante o binômio vacina e vacinação.

Já a evocação *enfrentar fila* evidencia possíveis experiências com os serviços de vacinação. Sabe-se que a administração dos imunobiológicos é relativamente rápida, no entanto, apesar de todas as estratégias desenvolvidas em alguns casos é necessário um tempo de espera devido a demanda de pacientes, e por conta da própria organização e funcionamento da sala de vacinação. Acontece que de maneira atípica grandes filas marcaram o início da campanha de vacinação contra a Covid-19, no qual o tempo de espera foi maior, as pessoas se deslocavam de madrugada de suas casas e enfrentavam horas de filas nos postos, de modo que alguns estados implantaram uma ferramenta para evitar filas em postos de vacinação.

Ousa-se dizer que nesse contexto a fila está relacionada principalmente a escassez das vacinas e, conseqüentemente, ao medo gerado nas pessoas por não conseguir se imunizar, por isso a insistência e permanência nas filas. Da Job (2022) por meio de uma pesquisa etnográfica investigou os sentimentos e lembranças de pessoas que estavam na fila esperando pela vacinação contra a Covid-19. Nela uma participante relatou que ainda não havia chegado sua vez de vacinar, estava ali enfrentando a fila porque acompanhava a sua mãe idosa que iria se imunizar com a terceira dose da vacina. A mulher expôs que queria poder tomar a vacina, mas não podia porque não estava inserida em de grupo prioritário, embora exercesse a função de agente socioeducadora em uma instituição para menores infratores. Ela desabafou que era tomada pelo sentimento de descaso, preocupação e angústia, pela falta de garantia das vacinas enquanto estava na fila, e isso refletia a falta de cuidado do estado com o serviço público.

Desse modo, provavelmente se a quantidade de vacinas fosse suficiente para atender toda a população como vinha ocorrendo há décadas desde a criação do PNI e as orientações da comunidade científica tivessem sido atendidas pelo governo federal essas filas não seriam tão expressivas e marcada pelo medo de não conseguir se vacinar.

As evocações *Doenças, importante, cuidado e felicidade*, se distanciam das primeiras palavras apresentadas nessa periferia, pois os alunos expressam novamente uma compreensão e sentimento positivo, remetendo a ideia de que a vacinação é um ato importante contra as doenças e uma forma de cuidado que gera felicidade.

Em relação a palavra *doenças*, nota-se que ela é uma evocação ampla, a qual pode englobar várias enfermidades imunopreveníveis ou não, sendo que as crianças e os adolescentes costumam associar as vacinas a prevenção de qualquer doença sem fazer distinção entre elas. Conforme é exposto nas pesquisas de Melo *et al.* (2013); Viegas *et al.* (2019), os adolescentes associaram a vacinação a doenças, mas, por vezes, eles citaram enfermidades que não são evitáveis pela vacinação, a saber eles citaram a Sífilis e HIV, por exemplo.

No entanto, ao analisar as evocações *Covid-19* e *Coronavírus* agrupadas nesta periferia percebe-se que um grupo de alunos assimilaram a vacinação a uma doença que decerto é imunoprevenível. O fato deles terem lembrado especificamente dessa infecção e do seu agente causador certamente está relacionado ao cenário pandêmico vivenciado, no qual essa doença aflige a população, a difusão de informações acerca dela é recorrente e estar em vigência a campanha nacional de vacinação. Além disso, devido as graves conseqüências

vivenciadas na pandemia, a maioria da população tem a percepção dos riscos que a Covid-19 oferece, e com isso a preocupação é intensa, não é como tantas outras doenças distantes de suas realidades que só são lembradas quando são contadas.

A *Covid-19*, doença evocada pelos alunos, é considerada infecciosa e sendo causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Os primeiros casos de pessoas contaminadas surgiram em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China. Em 7 de janeiro do ano seguinte as autoridades chinesas confirmaram que esse era um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado anteriormente em seres humanos. A sua rápida propagação a nível mundial levou a OMS a declarar em 11 de março de 2020, a infecção Covid-19 como uma pandemia. De modo geral, os coronavírus (CoV) são uma ampla família de vírus que podem causar uma variedade de condições, do resfriado comum a doenças mais graves (OPAS, 2022).

O ministério da Saúde confirmou o primeiro caso da doença no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. A vítima foi um homem de 61 anos com histórico de viagem para Itália (BRASIL, 2020). Até o final da Semana Epidemiológica 42 de 2022, foram confirmados 627.376.575 de casos de Covid-19 no mundo, sendo que destes, 34.782.150 foram no Brasil. Esses dados (ainda que não totalizados pois sabemos de toda resistência por parte do governo federal em quantificá-los) representa muito mais que números, foram vidas perdidas, milhares de famílias impactadas psicologicamente, socialmente, financeiramente e de tantas outras maneiras particulares.

Nesse quadrante os alunos também demonstraram que o binômio vacinas e vacinação é compreendido como uma prática de cuidado, e considerando as evocações anteriores *vou me vacinar* e *vacinar família e amigos* pode-se identificar tanto o cuidado de si como o cuidado com o outro. “O ato de vacinar é um cuidado em saúde e representa uma responsabilidade e um relacionamento afetivo” (FERNANDES *et al.*, 2021, p.73).

Essa evocação também emergiu nas representações de um grupo de mães. Para elas “quem ama cuida, e a vacina é uma forma de cuidar”, e isso supera até mesmo os entraves emocionais (o medo, a pena) e a falta de recursos materiais (PUGLIESI; TURRA; ANDREAZZI, 2010, p. 80).

É importante ressaltar que a vacinação é uma prática de cuidado que deve contemplar toda a família desde o recém-nascido até o idoso, no entanto, a maioria das pessoas trazem consigo a crença que as vacinas são relevantes apenas para uma determinada faixa etária. Na pesquisa de Brito (2011) até mesmo os profissionais da saúde construíram representações ancorada na ideia de que as vacinas são relevantes somente para crianças. Na pesquisa de Silva *et al.* (2022) as futuras profissionais da educação também tiveram essa percepção. Já na campanha de vacinação contra a Covid-19 houve uma mudança, muitas pessoas ignoraram a imunização das crianças e adolescentes, e passaram a considerar que as vacinas seriam importantes somente para os idosos.

Outro sentimento representado foi felicidade. Essa evocação remete a ideia de que se vacinar ou presenciar a vacinação de outra pessoa é uma sensação boa de contentamento. Ainda mais em um contexto no qual as pessoas viviam o sofrimento e a vulnerabilidade ocasionada pela indisponibilidade das vacinas. O recebimento da primeira dose da vacina era cheio de emoção e comemoração, as pessoas faziam questão de registrar o momento por meio de fotos e publicação nas redes sociais, homenageavam a ciência, os cientistas, os profissionais da saúde e os familiares. Foi um momento histórico no qual a vacinação foi associada a uma festa devido tanta felicidade e comoção que havia no momento, porque era

vislumbrado o fim do tempo pandêmico e a oportunidade de sair com vida desse momento difícil.

Fernandes (2022) expôs os sentimentos das crianças ao serem vacinadas com a primeira dose da vacina contra Covid-19 depois de um longo período de espera e polêmicas. Por meio das suas narrativas elas expressaram que estavam emocionadas e felizes, seria uma forma de se protegerem contra o coronavírus e uma oportunidade de voltar a sair na rua sem o uso das máscaras.

Outra palavra agrupada nessa categoria foi *médico*. Os alunos os destacaram no serviço de vacinação. Sabe-se que junto com os demais profissionais da saúde eles mantêm uma ligação direta com os pacientes. São eles que indicam, orientam, realizam o preparo e a administração dos imunológicos e, quando necessário, prestam atendimento pós vacinal. Desse modo, os profissionais da saúde são destaques na articulação efetiva desse assunto com a comunidade de modo geral.

A palavra médico similarmente emergiu nas evocações de outras crianças ante o estímulo indutor vacinação (GASPI; MAGALHÃES JÚNIOR; CARVALHO, 2019). Em outra pesquisa de representações sociais as crianças representaram o médico como profissional responsável pela aplicação da vacina que “mataria” o coronavírus (ALVARO, 2021).

Succi (2018) chega a inferir que os médicos pediatras são os profissionais que estabelecem relação mais próxima e frequente com pais, e que eles desempenham uma função importante na manutenção da confiança das vacinas, e são considerados a principal e mais confiável fonte de informações para os pacientes.

Com essas palavras evocadas é possível observar que, de fato, a representação é para além de uma imagem estática. Ela é uma unidade do que as pessoas pensam, e de como elas se comportam diante de um determinado objeto. Compreendemos que cada palavra emergida é fruto de uma bagagem de conhecimentos, crenças, sentimentos e experiências dos alunos, e juntas elas constroem um significado. Conforme, Wagner (2000, p. 03) a representação social “é um conteúdo mental estruturado sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagem ou metáforas” compartilhado de forma consciente com os outros membros do grupo social. Cada elemento lembrado e representado pelos alunos expressa o conhecimento que eles têm do seu universo, “é o resultado de processos discursivos e, por conseguinte, socialmente construídos”.

## Considerações finais

As representações dos alunos apontaram um núcleo central formado por quatro elementos (proteção, vou me vacinar, saúde e prevenção) consensuais e homogêneos fortemente ancorados em conhecimentos e orientações divulgadas pela comunidade científica, o que demonstrou uma visão consciente da importância da vacinação, dos seus benefícios e interesse em se vacinar.

Já no sistema periférico, observou-se a presença de uma variedade de elementos, que não estão relacionados especificamente aos conhecimentos advindos do meio científico (reificado), mas expressam as crenças e experiências pessoais dos alunos. Na primeira periferia, destacou-se o medo de se vacinar, que possivelmente está relacionado aos elementos, agulha, dor, nervoso e sintomas ruins, que são implicações psicológicas e fisiológicas que podem influenciar negativamente na decisão de se vacinar e, por isso, são dimensões que merecem atenção.



Na zona de contraste, destacou-se a ideia de que a vacinação é uma ajuda e gera uma expectativa de melhoria e de vida. Além disso, os itens usados no cotidiano para o enfrentamento do coronavírus foram lembrados, refletindo o contexto de produção desta pesquisa. Chama atenção também, nessa periferia, a evocação vacinar minha família e amigos, por meio dela os alunos demonstraram afeto e preocupação, e isso nos faz lembrar que a vacinação é importante, para todos, independentemente da idade. Por outro lado, os elementos chamados cura e remédio podem indicar a crença de que as vacinas são indicadas para o tratamento de doenças, tal como ocorre com a indicação de remédios, ao invés de prevalecer a concepção de prevenção. Isso mostrou que é fundamental pensar em propostas didáticas que considerem essas questões.

Na última periferia, a heterogeneidade de termos e a contradição de ideias foram mais expressivas, dentre os novos elementos relacionados aos aspectos sociais, psicológicos, fisiológicos e afetivos, destacou-se a evocação desconfiança em oposição as evocações importante, cuidado e felicidade. Ela reflete um dos diversos sentimentos negativos desencadeados na população ocasionado pelas notícias falsas disseminadas contra as vacinas.

É importante e indispensável que os alunos, suas famílias e a sociedade de modo geral conheçam a história, a importância das vacinas e entendam como elas funcionam. Para tanto, os professores de todas as áreas do conhecimento por meio da alfabetização científica e com práticas interdisciplinares podem representar uma potencialidade para que esse processo aconteça, pois a apropriação desses conhecimentos pode formar alunos críticos, capazes de tomar decisões cotidianas que promovem a saúde individual e coletiva em detrimento de serem apenas reprodutores de desinformações. Mesmo sabendo que essa questão ultrapassa o nível de formação de cada indivíduo e envolve questões políticas, culturais e religiosas.

## Referências

- ABRIC, JC. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P. (org.); OLIVEIRA, D. C (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000.p. 27-46.
- ALVARO, Marcela et al. "A máscara salva": representações sociais da pandemia de covid-19 por meio dos desenhos de crianças cariocas. *Saúde e Sociedade*, v. 30, p. 210-328, 2021.
- ALVES-MAZZOTI, A. J. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. *Ensaio: aval. Pol.Pub. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 57, p.579-594, out/dez., 2007.
- APS, Luana Raposo de Melo Moraes et al. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. *Revista de Saúde Pública*, v. 52, 2018.
- BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis. *Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis. *Programa Nacional de Imunizações-vacinação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programa-nacional-de-imunizacoes-vacinacao>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BRITO, Jaíra Ataíde dos Santos de et al. *Representações sociais de usuários e profissionais da estratégia saúde da família sobre vacinação*. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Saúde pública. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

CARVALHO, Ayla Maria Calixto de; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de. Fatores associados à cobertura vacinal em adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 23, p. 796-802, 2010.

COUTINHO, M. P. L.; BÚ, E. D. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). *Revista Campo do Saber*. v. 3, n. 1. jan./jun. 2017.

CRFMG. *História da Farmácia*. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Disponível em: [https://www.crfmg.org.br/externo/institucional/historia\\_historia.php](https://www.crfmg.org.br/externo/institucional/historia_historia.php). Acesso em: 20 jan. 2023.

DA JOB, Maria Carmencita. ETNOGRAFIA DA ESPERA: A METÁFORA DO CAMINHO E SUAS IMPLICAÇÕES E EXPECTATIVAS ATRAVÉS DA FILA DE VACINAÇÃO DO COVID-19. *Revista Conhecimento Online*, v. 1, p. 22-45, 2022.

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos et al. 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020, n.1, p.1-17, 2020. DOI: 10.1590/0102-311X00222919.

FERNANDES, Jorlan et al. *Vacinas*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. 109f.

FENDANDES, Sarah. *Alegria e esperança: crianças contam o que sentem ao se vacinar contra covid-19*, no Radinho BdF. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/19/alegria-e-esperanca-criancas-contam-o-que-sentem-ao-se-vacinar-contracovid-19-no-radinho-bdf>. Acesso: 10 jul. 2022.

FOCHI, Paulo Sergio et al. “Eles têm mais de um milhão espalhados pelo mundo”: narrativas de crianças na e sobre a pandemia “They have more than a million around the world”: narratives from children in and about the pandemic. *Saber & Educar*, n. 30, 2021.

GADELHA, Carlos Augusto Grabois et al. Acesso a vacinas no Brasil no contexto da dinâmica global do Complexo Econômico-Industrial da Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020.

GASPI, Suelen de; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; CARVALHO, Graça Simões. Representações Sociais de Crianças Brasileiras Sobre Vacinação: Subsídios para Educação em Saúde. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 9., 2019, Santa Maria. *Anais* [...]. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2019. p. 1-9.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos avançados*, v. 34, p. 29-41, 2020.

GONZAGA, Luciano Luz. Sob o olhar atento das Representações Sociais acerca da imunização vacinal entre jovens e adultos da educação básica. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, v. 10, n. 1, 2022.

GONZAGA, Luciano Luz; VELLOSO, Andrea; LANNES, Denise. ENTRE O MEDO E A PREVENÇÃO: representações sociais acerca da vacinação entre jovens e adultos do ensino médio. *A Psicologia e Suas Interfaces na Saúde, Educação e Sociedade*, Rio de Janeiro, p.111-123, 2021. Editora Científica Digital. <http://dx.doi.org/10.37885/201202453>.

HOMMA, Akira et al. Atualização em vacinas, imunizações e inovação tecnológica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, p. 445-458, 2011.

IERVOLINO, Solange A.; PELICIONI, Maria Cecília F. Capacitação de professores para a promoção e educação em saúde na escola: relato de uma experiência. *Journal of Human Growth and Development*, v. 15, n. 2, p. 99-110, 2005.

LEMOS, Vinícius. *Professora viraliza com homenagem a pai, mãe e avó mortos sem vacina*. BCC News Brasil: São Paulo, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57560649>. Acesso: 20 ago. 2022.

LIMA, Thais Reis; BONIATTI, Márcio Manozzo. Avaliação da distração e estímulo vibratório para alívio da dor na vacinação em CRIANÇAS. *SEFIC*, 2018.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020.

MENDONÇA, Angelo Braga et al. Processo de enfermagem para paciente com fobia de agulha: estudo de caso. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, 2020.

MELO, Mônica Cecília Pimentel de et al. Percepção de adolescentes sobre imunização em uma escola pública de Petrolina PE. *REME rev. min. enferm*, p. 374-380, 2013.

MOREIRA, A.S.P. (org.); OLIVEIRA, D. C (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000. p. 3-25.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.404 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Doenças Transmissíveis & Análise de Situação de Saúde*. Erradicação da varíola: um legado de esperança para COVID-19 e outras doenças. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Pandemia de COVID-19 leva a grande retrocesso na vacinação infantil, mostram novos dados da OMS e UNICEF.2021*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/15-7-2021-pandemia-covid-19-leva-grande-retrocesso-na-vacinacao-infantil-mostrar-novos>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Como o vírus responsável pela Covid-19 se espalha*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Coronavírus*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus>. Acesso: 20 jul. 2022.

PADILHA, Aline Rafaela Neves et al. Motivos de pais e responsáveis para a não adesão à vacinação contra o Papilomavírus Humano: Revisão de Escopo. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p. e28211124792-e28211124792, 2022.

PEREIRA, Bárbara Fernanda Barroso et al. *Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 6, p. 1745-1752, 2013.

POSSAS, Cristina, et al. Vacinas e Vacinação no Brasil: Agenda 2030 na Perspectiva do Desenvolvimento Sustentável. In: HOMMA, Akira et al. (org.). *Vacinas e vacinação no Brasil: horizontes para os próximos 20 anos*. Rio de Janeiro, RJ: 2020.p.17-200.

PUGLIESI, Maria Vicencia; TURA, Luiz Fernando Rangel; ANDREAZZI, Maria de Fátima Siliansky de. Mães e vacinação das crianças: estudo de representações sociais em serviço público de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 10, p. 75-84, 2010.

RODRIGUES, Juliana Vitoria de Oliveira. *Órfãos em decorrência da Covid-19 no Brasil*: sobre a vivência de crianças e adolescentes em meio às perdas, uma realidade sem números. 2022.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996.

SANT'ANNA, H. C. *Ação, Computação, Representação*: uma investigação psicogenética sobre o desenvolvimento do pensamento computacional. 2014. 199 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SILVA, Isadora Vida de Mefano et al. *A gestão de riscos e governança na pandemia por COVID-19 no Brasil*: análise dos decretos estaduais no primeiro mês: relatório técnico e sumário executivo. 2020.

SOARES, Valéria Pereira; DA SILVA, Roberto Ribeiro. Utilização de um texto de divulgação científica sobre vacinação: uma proposta para o Ensino fundamental. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 16, n. 2, p. 11-25, 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES. *Coberturas vacinais no Brasil são baixas e heterogêneas, mostram informações do PNI*. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1359-coberturas-vaciniais-no-brasil-sao-baixas-e-heterogeneas-mostram-informacoes-do-pni>. Acesso em: 18 out. 2020a.

SUCCI, Regina Célia de Menezes. Recusa vacinal-que é preciso saber. *Jornal de Pediatria*, v. 94, p. 574-581, 2018.

SPINK, Mary Jane Paris. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/sep, 1993.

UNICEF. *46% dos adolescentes e jovens ouvi-dos pelo UNICEF dizem confiar pouco nas vacinas contra a Covid-19*, Brasília, DF:UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunica-dos-de-imprensa/46-por-cento-dos-adolescentes-e-jovens-ouvidos-pelo-unicef-dizem-convier-pouco-nas-vacinas>. Acesso: 10 Out. 2022.

VIEGAS, Selma Maria da Fonseca et al. A vacinação e o saber do adolescente: educação em saúde e ações para a imunoprevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, p. 351-360, 2019.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 27, p. 521-526, 2011.

WAGNER, Wolfgang. Sócio - gênese e características das representações sociais. In: (org.); OLIVEIRA, D. C (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000.p. 27-46.

ZANINI, Natalie Vieira et al. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 12, n. 39, p. 1-13, 2017.